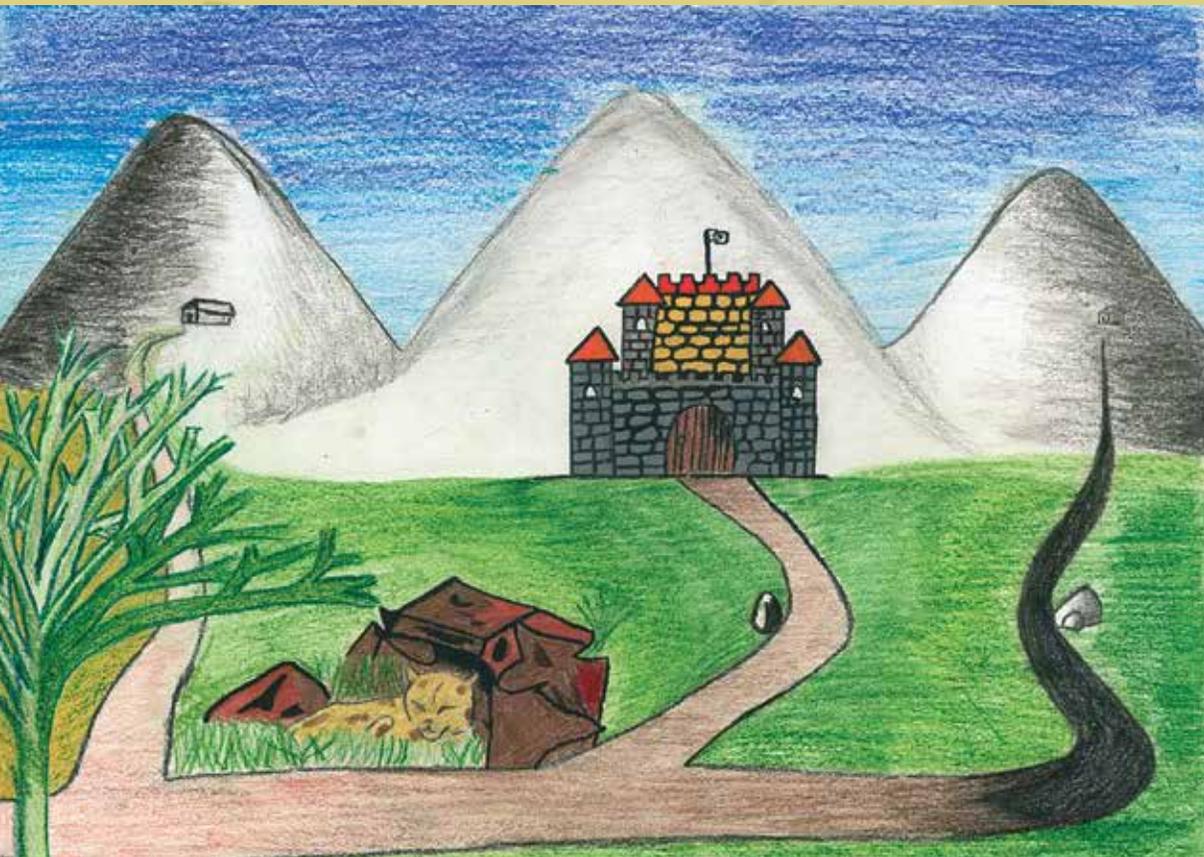


Ruy do Carmo Póvoas

ITAN DE BOCA A OUVIDO



ITAN
DE BOCA A OUVIDO

Ilustração dos participantes do *Projeto Arte e Vida: Salobrinho e Vila Cachoeira*, da Universidade Estadual de Santa Cruz.

Ruy do Carmo Póvoas

ITAN **DE BOCA A OUVIDO**



Este livro é resultado de pesquisa e extensão realizadas pelo KAWÉ – Núcleo de Estudos Afro-Baianos Regionais, no projeto *Viver e fazer de culturas afro-brasileiras na área de influência da UESC*, em parceria com o projeto Arte e Vida:

Salobrinho e Vila Cachoeira.

The logo for Editora da UESC, featuring the word "itans" in a stylized, lowercase font with a textured, dotted appearance.

Editora da UESC

Ilhéus - Bahia - 2004

© 2004 by RUY DO CARMO PÓVOAS

Direitos desta edição reservados à
EDITUS - Editora da UESC
Universidade Estadual de Santa Cruz
Rodovia Ilhéus-Itabuna, km 16 - 45650-000 - Ilhéus, Bahia, Brasil
tel.: (73) 680-5028 - fax: (73) 689-1126
www.uesc.br/editora

Governo do Estado da Bahia

Paulo Ganem Souto - Governador

**Kàwé - Núcleo de Estudos
Afro-Baianos Regionais**

Secretaria de Educação

Anací Bispo Paim - Secretária

Equipe de Pesquisadores:

Ruy do Carmo Póvoas
Raimunda Silva d'Alencar
Miguel Chamorro Vergara
Maria Laura de Oliveira Gomes

Universidade Estadual de Santa Cruz

Antonio Joaquim Bastos da Silva - Reitor
Lourice Hage Salume Lessa - Vice-Reitora

Editus - Editora da UESC

Maria Luíza Nora - Diretora

Projeto Gráfico e Capa

Adriano Lemos

Ilustração da Capa

(lápis aquarela, sobre papel canson)

Valdemir dos Reis Santos

Equipe Editus

DIRETOR DE POLÍTICA EDITORIAL: JORGE MORENO; REVISÃO: MARIA LUIZA NORA;
SUPERVISÃO DE PRODUÇÃO: MARIA SCHAUN;
COORD. DE DIAGRAMAÇÃO: ADRIANO LEMOS; DESIGN GRÁFICO: ALENCAR JÚNIOR.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P879 Póvoas, Ruy do Carmo.
Itan de boca a ouvido / Ruy do Carmo Póvoas. – Ilhéus,
Ba: UESC, 2004.
43p. : il.

ISBN: 85-7455-073-6

Este livro é resultado de pesquisa e extensão realizadas pelo
KÀWÉ – Núcleo de Estudos Afro-Baianos Regionais, no projeto
Viver e fazer de culturas afro-brasileiras na área de influência da
UESC, em parceria com o projeto Arte e Vida : Salobrinho e Vila
Cachoeira.

1. Contos brasileiros. 2. Literatura brasileira. I. Título.

CDD 869.9301

Ficha catalográfica: Silvana Reis Cerqueira - CRB5/1122

ITAN é uma palavra nagô.

Significa história, qualquer história.

Esse tipo de história é uma herança da sabedoria dos escravos nagôs que viveram no Brasil, principalmente na Bahia.

Faz parte da cultura oral de muitos brasileiros, por isso, é transmitido de boca a ouvido, de geração em geração.

Serve para qualquer idade, mas é preciso contar o *itan* no momento certo e para quem esteja disposto a aprender.

Um *itan* pode ser uma história séria, ou engraçada.

Pode aparecer gente, bicho, planta e até seres encantados, mas é sempre uma maneira suave de ensinar e aprender.

Termina sempre com uma lição de vida, um ensinamento.

É justamente por isso que o *itan* diverte, distrai, mas também mostra que existem outras maneiras de ensinar e de aprender.

O professor Ruy Póvoas tem um cuidado especial por esse tipo de história.

Ele costuma escrever os *itan* para a memória não se perder.

E neste livro, aparecem 12 histórias desse tipo, que o professor Ruy escreveu.

Os meninos que estudam no Projeto Arte e Vida: Salobrinho e Vila Cachoeira fizeram as ilustrações para os *itan* que fazem parte deste livro.

Foi um trabalho desenvolvido por Lúcia Zugaib e Fabrício Küster, com a orientação da professora Valéria Amin.

Agora, este livro é seu. E fique você sabendo que existem muito mais *itan*. Eles são contados entre as pessoas que têm um modo de viver afro-brasileiro, que somos todos nós.

S u m á r i o

A casa de ariuô	09
A escolha do destino	11
A fama e o poder	13
A feiúra e a boniteza	17
A jaca mole	21
A lonjura e a demora	23
A mudança e o coração	27
O desejo de gadamu	29
O gato e a anta	31
O macaco e a cutia	35
O preço da ingenuidade	37
O sapo invisível	41



Valdemir dos Reis Santos e Aílton Lima de Jesus
Cenário montado a partir de objetos produzidos com argila

A casa de ariuô

Na casa de Ariuô, o povo não conversava; brigava. E a discussão era tanta que terminava na porta da rua. Quando a vizinhança perguntava a eles a causa do arerê, cada um dava uma explicação diferente. E ninguém sabia, na verdade, porque aquela gente brigava tanto assim.

Um dia, a vizinhança foi se queixar ao Velho Afaradá, o juiz da aldeia, e ele resolveu dar um ensinamento. Bem na hora em que todos estavam falando de vez, no maior alarido, ele mandou que um menino gritasse com todo fôlego, na porta de Ariuô:

– Lá vem a onça aí, minha gente!

O menino foi lá e fez direitinho como Afaradá mandou. Acontece que ninguém lá de dentro se incomodou com o

berro do menino e a discussão continuou. Então, Afaradá fez diferente: mandou que os caçadores trouxessem uma onça viva, amarrada, e soltassem na entrada da porta da casa de Ariuô, bem na hora do arerê e ninguém avisasse nada.

Os caçadores cumpriram as ordens de Afaradá. E quando a onça foi solta, saltou casa a dentro e aí ocorreu um alarido que fazia dó e piedade. Por ordem de Afaradá, ninguém tomou providência alguma, ninguém entrou na casa para acudir os moradores. De repente, fez um silêncio mortal lá por dentro. Os moradores ficaram sem saber o que Afaradá queria, comprometendo a vida daquela gente. Terminou toda a família de Ariuô vindo para a rua. Uns esfarrapados, outros arranhados, outros mais capengando e outros ainda com ar de assombro. Mas todos muito risonhos, unidos e felizes, exclamando:

– Pegamos uma onça viva. E dentro de nossa casa!

Então Afaradá explicou:

– Vocês viram? Faltava eles aprenderem a conversar...

Conversa que surte efeito é com boca e com ouvido!



Lidna Soledade dos Santos
Óleo sobre papel canson

A escolha do destino

Um homem vivia em paz, no meio de seu povo. Era um excelente mercador. Sua voz cristalina e sonora atraía multidões. Todos os seus produtos eram vendidos rapidamente, de forma que ele quase não dava conta do atendimento a quem procurava suas mercadorias. Mas ele era inconformado com o seu destino. Gostaria de ter nascido um grande cantor para arrebatrar as pessoas com a maravilha de sua voz. Ainda que sua fama de mercador corresse o mundo, ele queria mesmo ter nascido com outra sorte.

Um dia, ele resolveu consultar Ifá, para ver se poderia mudar o seu destino. Ifá lhe recomendou um ebó a ser oferecido no olho do dendezeiro e que ele dormisse ao pé da palmeira por três noites consecutivas. Assim o homem fez.

Terminado o prazo do ebó, ele voltou para sua cidade, enquanto aguardava a resposta dos divinos. Então, ele avistou uma grande caravana que caminhava em sua direção. Imediatamente ele pensou em se reabastecer de mercadorias, afinal estava precisando negociar. Quando chegou perto, o homem notou algo diferente. Não se tratava de uma caravana de negociantes e sim de um Mago e seus acompanhantes. Então o homem pensou em falar com o Mago, para tentar trocar seu destino.

Feita a proposta, o Mago aceitou, mas impôs uma condição: o homem não poderia desfazer a troca, depois que a magia fosse realizada. Aceita a condição, o Mago lhe mostrou inúmeras e inúmeras caixas fechadas que guardavam destinos dos humanos. Ele teria que escolher uma delas pela aparência. O homem pensou, pensou, olhou, olhou, examinou muitas e muitas caixas. Por fim, uma delas atraiu sua atenção. Era leve, forrada de pele de camelo, couro bem tratado, enfeitada de fios de ouro e muitas pedras brilhantes. Havia até uma inscrição: VOZ DE OURO, ENCANTADOR DE MULTIDÕES.

Era justamente isso que ele queria. E ele ficou tão encantado, tão feliz que, diante de tanto contentamento, o Mago resolveu lhe dar a caixa e fazer a troca de destino sem receber pagamento nenhum. Quando o homem abriu a caixa, ansioso pelo novo destino, lá dentro estava seu nome e, embaixo do nome, a palavra MERCADOR.

Diante de seu espanto, o Mago se revelou:

– Eu sou Orumilá, Testemunha do Destino, Aquele que Esculpe no Escuro. Este é o seu caminho e fique sabendo: **O espinho que tem de espetar desde pequeno traz a ponta.**



Suélem Gomes de Oliveira
Lápis-cera com nanquim sobre papel canson

A fama e o poder

Um dia, o rei de Keto quis dar uma festa e mandou convite pra muita gente. Mas não quis chamar lá Mi Oxorongá, a grande feiticeira. Sabe como é... Para essas festas, assim, de gente nobre, o dono da festa finge esquecer de convidar os que ele não tem em tanta conta. Mas deixemos isso pra lá.

Bem na hora da festa, quando todo mundo estava nos comes e bebes, um bicho monstruoso pousou na cumeeira do palácio real. Era um bicho encantado, feitiço de lá Mi Oxorongá: uma vingança daquelas. Foi um deus-nos-acuda. As asas do bicho eram tão grandes que impediam a luz

do sol. O reino ficou às escuras e o bicho ameaçava devorar todo mundo. O rei, mais do que depressa, convocou os mais famosos caçadores de Keto. Era uma questão de vida ou morte que os caçadores abatessem o bicho pavoroso.

O Primeiro Caçador atirou quatrocentas flechas e o bicho nem se abalou do lugar. O único resultado foi que o bicho ficou mais furioso ainda. O Segundo Caçador foi chamado e disparou duzentas flechas. Foi pior o resultado. E assim todos os famosos caçadores ficaram desmoralizados, enquanto a vida de todo mundo corria perigo. E foi chegando caçador, que não acabava mais, até mesmo aqueles sem expressão nenhuma. Ninguém dava conta da empreitada.

Quando o rei não tinha mais para quem apelar, soube da existência de um caçador solitário que vivia embrenhado nas matas. Não se sabia ao certo quem era ele. Apenas corria um boato de que ele tinha uma pontaria certa, mas tão certa mesmo, que só precisava de uma única flecha. Então o rei mandou buscar esse caçador com a maior urgência. Esse caçador era Oxó.

Quando a mãe dele soube disso, correu e foi consultar Ifá, o orixá da adivinhação. Ifá explicou a ela que aquele era um bicho encantado e que era preciso fazer uns preceitos para que Oxó pudesse matar o monstro. Que ele lavasse sua flecha com água e folhas de jaqueira pisadas. A mãe de Oxó correu e explicou tudo ao filho. Ele ouviu direitinho as recomendações com respeito e atenção e fez tudo que Ifá tinha mandado. A mãe dele, Apaocá, a Senhora da Jaqueira, se prostrou em terra e rezou pelo filho, horas a fio. Depois, com segurança, calma e coragem, o caçador se dirigiu para a cidade, levando apenas uma flecha e a crença de que tudo ia dar certo.

De longe Oxó ouviu o alarido na aldeia. Tudo estava mergulhado numa sombra escura e o povo gritando por socorro. Ele parou em frente ao palácio, mirou entre os olhos do bicho e disparou sua única flecha. Acertou direto no ponto fraco do monstro. Para espanto de todos, o bicho soltou um urro, se estrebuchou e despencou lá de cima, num estrondo pavoroso. Toda a multidão começou a gritar: *Oxó uosi!*, que quer dizer *Oxó pertence a seu povo!* Com o tempo, esta saudação foi tomada por nome do Grande Caçador e ele ficou conhecido por Oxóssi até hoje.

E é ele quem ensina: **Enfrentar os monstros é para quem aprendeu a ouvir.**



Suélem Gomes de Oliveira
Óleo sobre papel canson

A feiúra e a boniteza

A coruja, antes de se casar, tinha feito uma consulta. Ela queria saber das intenções do corujão, se ele realmente gostava dela, essas coisas assim... Pois bem: foi dito a ela que tudo estava em ordem, que ela não se preocupasse. Apenas prestasse atenção no fato de que, nem tudo de que ela gostava, os outros gostavam também.

Ela saiu muito satisfeita da consulta. De vez em quando, se lembrava do conselho sobre o gostar, mas isso foi caindo no esquecimento, com o passar dos dias. E agora estava ela ali, feliz da vida, já criando sua primeira ninhada. Os meninos já estavam se empenando e logo, logo, estari-

am voando também.

Ah, mundo velho sem porteira... Pois não é que o urubu chegou esbaforido para dar uma notícia ruim? A mãe da coruja estava passando mal e queria ver sua única filha. A coruja se entristeceu e ficou pensando como haveria de fazer para ir ver a mãe. Os meninos ainda não podiam voar. Deixar aquelas coisinhas tão bonitinhas, assim, sem proteção? Também não podia deixar de atender ao chamado da mãe. Podia ser a última vez. Depois de muito pensar, a coruja se lembrou e conversou consigo mesma :

– Ah, sim! Comadre Raposa... Gente fina está ali. Prestativa, sutil, tem sempre um jeito pra tudo... Mesmo, basta um voozinho de nada e posso passar na toca onde ela mora.

Logo a coruja alcançou a toca da raposa, cuja porta estava sempre disfarçada. Chamou e a raposa atendeu. Contou tudo, debaixo de aflição e agonia. Por fim, o pedido:

– Comadre da minha alma, me ajude pelo amor de Deus! Vou e volto logo. Apenas queria que a senhora olhasse meus lindo meninos... Tomasse conta deles até eu voltar...

A raposa não se fez de rogada:

– Faço isso, sim, comadre.... Mas como saber quais são seus meninos, com tanto ninho espalhado por aqui? A senhora sabe: eu vivo no chão e a senhora nos galhos...

A coruja deu as instruções necessárias:

– Tá vendo aquela árvore seca lá adiante? Pois é lá, no oco mais baixo, que eles estão. E é muito fácil a senhora saber quem são eles. São os meninos mais bonitos de toda essa redondeza. Olhe, eu passo horas a fio só olhando pra eles. Uma lindeza!...

Despediram-se. A coruja foi pelos ares, em busca da

casa da mãe. A raposa se dirigiu para a árvore seca, bem perto da sua toca. Foi um alarido, quando a passarada viu a raposa se aproximando. Gritos, bater de asas, vôos espalhafatosos, enfim, um danor. Mas a raposa estava decidida: dessa vez não escaparia nenhum menino feio. E foi passando de ninho em ninho, devorando tudo.

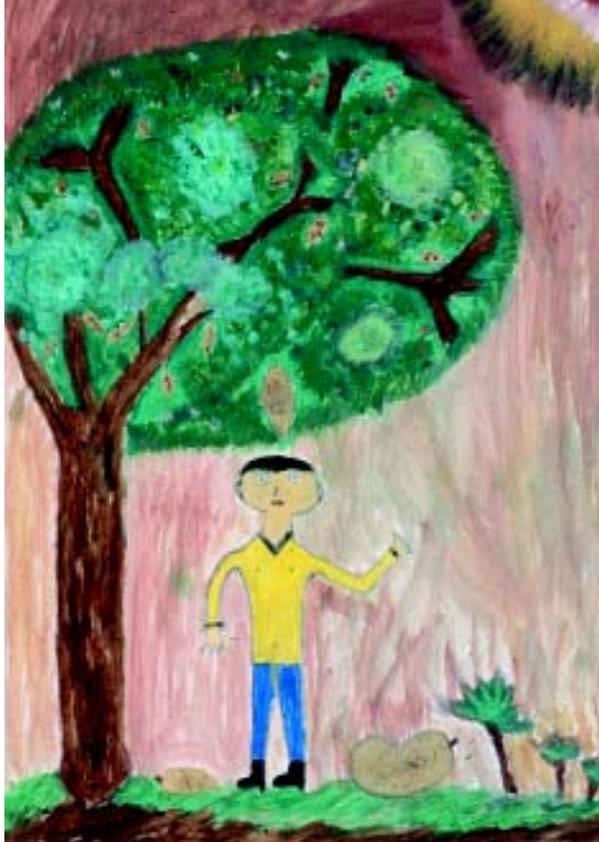
Com poucas horas, a coruja voltou. Logo foi avistando a comadre dormindo ao pé da árvore. Aquilo que era gente boa e prestativa. Mas quando ela pousou no ninho, uma onda de terror invadiu seu coração. Cadê os lindos meninos?! Tudo vazio. Desceu, acordou a raposa e, muito aflita, quis saber dos filhotes. A raposa, então, ainda meio sonolenta e se lambendo, explicou:

– Olhe, comadre, lhe garanto que seus lindos meninos estão em paz. Desde que a senhora saiu, eu vim logo para aqui. Só devorei meninos feios. Naquele ninho ali, então, havia os mais horrorosos deste lugar...

– Comadre, a senhora devorou meus lindos meninos!...

E a raposa, toda espantada, apenas comentou:

– Meu Deus! Comadre, a senhora não tem juízo mesmo... Nunca desconfiou disso? **A feiúra e a boniteza estão nos olhos de quem vê.**



Aílton Lima de Jesus
Óleo sobre papel canson

A jaca mole

Oxalá amanheceu com vontade de viajar. Olhe que isso é uma raridade acontecer. É tão raro, que os outros orixás atenderam, de imediato, ao chamado dele para participarem. Saíram de madrugada. Oxalá é assim: só começa as coisas antes do raiar do dia. E lá se foram, em fila indiana. Todo mundo andando sem pressa, pois Oxalá é lento, vagaroso e só anda em último lugar.

Iansan, acostumada com a agonia de sua tempestade, foi ficando impaciente. Olhava para um canto, olhava para

outro, mirava o horizonte sem fim, bem lá longe. E foi ficando cada vez mais agoniada. Começou a pensar consigo mesma:

–Ah, se eu estivesse sozinha... Logo, logo eu estava lá.

Se pelo menos Xangô, seu parceiro de agonia, resolvesse lhe acompanhar... Mas que nada: Xangô hoje estava decidido fazer companhia ao mais-velho... A agonia aumentou tanto, que ela não suportou mais andar no passo do cágado. Aí, ela rodopiou e seguiu em frente sozinha. Lá, bem adiante, parou. Ficou embaixo de uma jaqueira, enquanto observava o grupo que se arrastava lentamente, por causa de Oxalá. A essas alturas, ela já estava pensando no que ia fazer depois que voltasse da viagem. Assim, ela navegou nos pensamentos, fazendo mil projetos. E a ventania corria pelo mato, derrubando folhas verdes e maduras.

Quando ela estava assim, bem de seu, uma jaca-mole, bem madura, despencou bem em cima de sua cabeça. Ela ficou banhada de visgo e melaço de jaca, da cabeça aos pés. Tomou um susto enorme, deu um grito e ficou sem saber o que fazer. Aí, ela se sentiu profundamente desamparada e resolveu voltar ao encontro do grupo.

Todo mundo notou a melação, mas ninguém disse nada. E ai de quem perguntasse qualquer coisa... De cabeça baixa, ela passou por Oxalá e tomou o último lugar na fila, atrás dele. Iansan apenas ouviu a última frase de uma conversa, que já estava terminando, entre Oxalá e Omolu, os mais velhos entre os mais-velhos:

– Pois é... Como o senhor bem sabe, esse povo assim, agoniado, precisa aprender... **Quem só anda às carreiras vai ter que voltar muitas vezes, para vencer a agonia.**



Suélem Gomes de Oliveira
Resina derretida sobre papel paraná

A lonjura e a demora

Contam os mais-velhos que, tempos depois da criação do mundo, Olorum andava querendo saber como os humanos entendiam o espaço no tempo e o tempo no espaço. Tinha que escolher um embaixador de tarimba: firme, decidido, paciente, profundamente observador e, principalmente, que soubesse aguardar sem dar um vacilo. Ninguém melhor do que Iroco, o Mestre do Tempo. Dito e feito: Olorum mandou e Iroco veio ao Iluaiê, para descobrir o que Olorum queria saber.

Iroco recebeu ordens de procurar uma aldeia muito antiga e conversar com Iroju, que era o morador mais velho do lugar. Procura daqui, procura dali, e ele terminou tendo informações sobre a aldeia, onde ele podia encontrar Iroju, o morador mais velho entre os mais-velhos da Terra. Depois de dias procurando, Iroco encontrou um homem que tinha uma boa informação. Iroco, chegou, bateu palmas e o homem veio atender. Terminou dizendo assim:

– Ah, moço, eu estou muito contente hoje. Um filho meu, que está ausente há muito tempo, vai chegar daqui a três dias. Logo, logo, ele vai estar aqui e o tempo é muito curto para eu tomar as providências que quero.

O homem conversou muito e animou Iroco a prosseguir. Disse que a casa do velho ficava perto dali e indicou a direção.

Iroco agradeceu e se despediu. Andou muito, até que precisou procurar outro informante. Terminou encontrando outro homem, que pouco conversou. Apenas disse o seguinte:

– Ah, moço, eu estou muito preocupado com a ausência de um filho meu. Olhe, ele saiu tem uma hora e ainda não voltou. Eu não agüento mais essa demora. Tanto que eu queria saber em que lonjura ele está...

Iroco ficou por ali, olhando o mundo, esperando pacientemente, para colher mais alguma informação. Mas o homem continuava amuado e não adiantou puxar conversa.

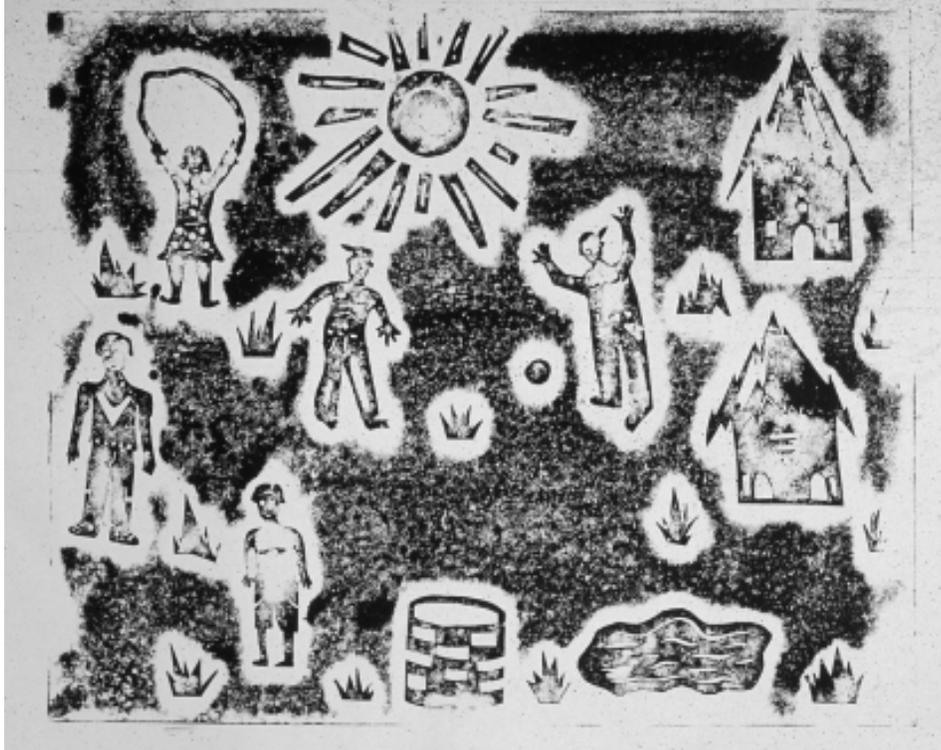
Para se ver logo livre da visita, o homem informou:

– Dizem que a casa do velho que o senhor procura fica para as bandas de lá... Mas é muito longe. Mas muito longe mesmo...

E apontou na direção a ser seguida. Iroco se despediu

agradecido e se pôs a caminho. Para sua surpresa, logo depois da primeira curva da estrada, avistou a casa do velho, embora tivesse recebido a informação que a casa ficava muito longe. Andou só um pouquinho e foi logo chegando aonde queria.

Mas antes de se aproximar da casa de Iroju, Iroco resolveu descansar um pouco para pensar. Sentou-se numa pedra, debaixo de um arvoredor e ficou pensando sobre tudo o que viu e ouviu, naquela tão longa e, ao mesmo tempo, tão curta viagem. E ele terminou concluindo que nem precisava mais conversar com Iroju, pois já sabia a resposta para ser dada a Olorum: **A distância e o tempo têm o tamanho da preocupação.**



Suélem Gomes de Oliveira
Gravura sobre papel canson

A mudança e o coração

Havia uma aldeia em que até os jovens viviam desiludidos, porque ali não acontecia nada de novo. As pessoas conservavam os mesmos hábitos desde muitas gerações. A pasmaceira terminou tomando conta de tudo e de todo mundo. Então, o chefe da aldeia resolveu fazer uma reunião com os seus conselheiros. Depois de muito discutirem, e sem chegar a uma solução prática, todo o conselho decidiu que o melhor era consultar Xangô.

Na consulta, Xangô aconselhou, sem muita conversa:
– Façam uma grande mudança em tudo.

Aí, o Conselho dos Mais-Velhos designou um grupo de homens e mulheres para realizar as mudanças necessárias. O povo foi convocado para participar ativamente. Queimaram as palhoças e fizeram outras novas. Mudaram os roçados de lugar. Até mesmo passaram a apanhar água de beber em outra fonte. As mulheres teceram novas roupas, as crianças inventaram novos brinquedos e todo mundo ficou contente.

Mas vai daí a algum tempo, eles foram notando que alegria estava se desfazendo. A rotina trouxe de volta o mesmo desânimo de antes. A fonte nova, as novas palhoças, as brincadeiras novas, nada adiantou. A tristeza tomou conta de todos. O chefe convocou o Conselho novamente. Outra vez, resolveram consultar Xangô.

Perante o orixá, tudo foi relatado miudamente e Xangô ouviu a conversa com atenção. E ainda se queixaram de que a solução apontada na primeira consulta não deu resultado. Então Xangô quis saber:

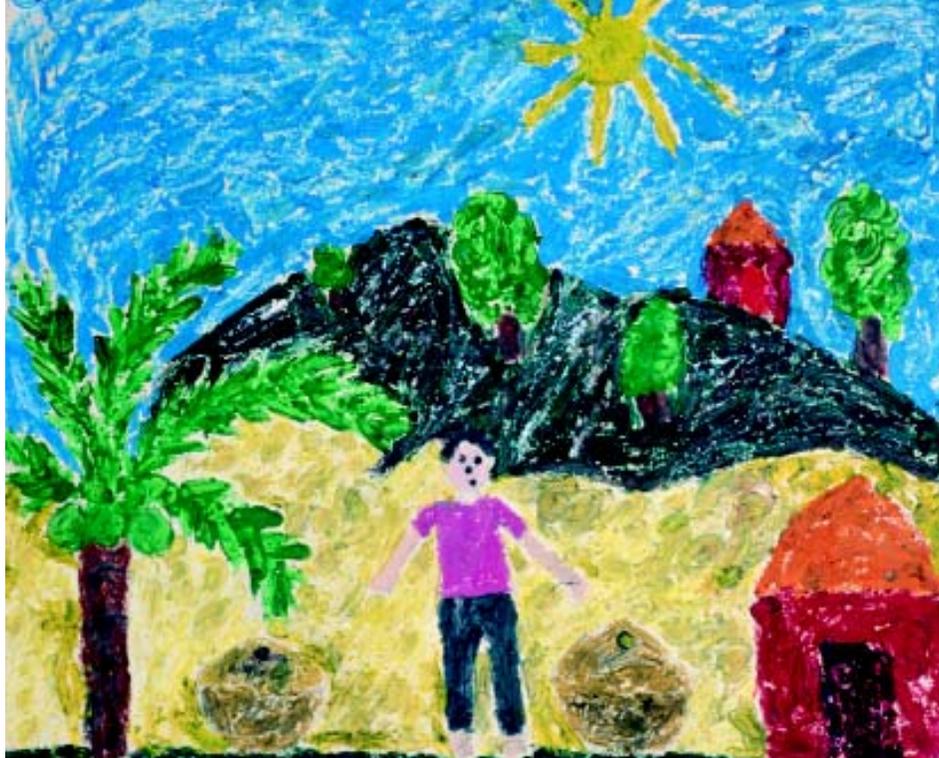
– Que mudanças vocês fizeram lá dentro?

Ficaram sem entender a pergunta e pediram uma explicação. Xangô explicou com a mesma severidade de costume:

– Ora! Dentro das pessoas, no modo de ver o mundo, a vida, um ao outro... Dentro de vocês mesmos...

Olharam um para o outro, cochicharam entre si. Terminaram por chegar à conclusão que, na verdade, cada um permanecia como era antes. Então Xangô disse:

– A verdadeira mudança tem que acontecer, primeiro, dentro de cada um!



Lidna Soledade dos Santos
Resina derretida sobre papel paraná

O desejo de gadamu

Um homem chamado Gadamu nasceu e se criou em Aldeia Velha. Desde novinho, ele vivia insatisfeito com tudo que era de sua terra. Jurava, todos os dias, ir embora para Aldeia Grande, a terra das novidades, onde pudesse aprender muitas coisas para ser uma pessoa importante. O seu sonho era vencer na vida e viver conforme ele entendia. Por isso, ele não dava muita importância  sabedoria e ao conhecimento de seu povo. Para ele, tudo aquilo era muito limitado e ali, ele jamais seria um vencedor.

Quando os viajantes passavam por Aldeia Velha e davam notícias de Aldeia Grande, Gadamu ficava amuado e zangado com todo mundo. Mas Gadamu tmbm sofria muito,

pois amava seus parentes e seus amigos. Seu coração doía, quando ele pensava em deixar tudo e ir embora para longe. Um dia, Gadamu criou coragem e partiu. Apenas se despediu dos mais íntimos e muitas das suas coisas ficaram abandonadas porque, para ele, eram coisas sem serventia. De tempos em tempos, passavam viajantes por Aldeia Velha e informavam:

– Gadamu mandou dizer que não esquece de todos e que um dia vai voltar, mas ainda está lutando para alcançar o que deseja.

Passou muito tempo. Um dia, Gadamu voltou. Agora ele era um homem sabido, com muitos cestos e baús repletos de muita novidade. Considerava-se um grande vitorioso na vida. Mas Gadamu foi tomado de muitas surpresas: os avós e os pais dele não existiam mais. As irmãs tinham se casado com homens de outras aldeias e foram embora com seus maridos. Ele não conhecia mais os rapazes que tinham nascido depois de sua partida. E os jovens de seu tempo agora não sabiam mais o que conversar com ele. As velhas casas não existiam mais e os antigos animais de estimação há muito tempo tinham desaparecido. Os cachorros estranhavam Gadamu e não queriam saber de seus afagos. O terreno baldio, atrás de sua casa, agora era uma mata e a grande gameleira-branca tinha sido queimada por um raio.

Aí, Gadamu se deu conta de que sua amada Aldeia Velha não existia mais e a família, que era o seu maior tesouro, tinha se acabado. Pensou em voltar para Aldeia Grande, mas concluiu que também não tinha fincado raízes por lá. Afinal, ele tinha labutado o tempo todo em Aldeia Grande, para ficar sabido, garantir o futuro e voltar. Agora ele não sabia o que fazer com tudo o que tinha aprendido, porque ele não tinha mais quem sustentasse seus sentimentos.

E Gadamu ficou como exemplo: **Quem pensa apenas em si, mesmo coberto de glória, não tem com quem dividir.**



Valdemir dos Reis Santos e Aílton Lima de Jesus
Cenário montado a partir de objetos produzidos com argila

O gato e a anta

O Gato queria aparecer. Tinha que conquistar a Anta, pois estava cansado de namorar com as gatas do mato. Queria namoro novo... Deu de cara com a Anta, numa manhã de sol e folhas verdinhas balançando com o vento brando. Comendo uma banana, a Anta fingiu nem sequer notar a presença do pixane. Ele, todo galanteador, também resolveu encenar:

– Ah, que cheiro gostoso de banana! Que fruta maravilhosa! Uma delícia!... Daria metade do meu reino para comer uma banana saborosa juntamente com uma pessoa adorável. Pessoas especiais gostam de comer bananas...

A Anta parou, cheirou o ar. Olhou para o Gato e soltou um risinho cúmplice. Era o que faltava... E lá veio o

Gato todo fofo, todo macio, todo cheio de si mesmo. Tirou bocadas na banana da Anta, mastigou, engoliu e se lambeu. Gabou a preferência da Anta, o tipo da banana, comparou com o gosto de outras qualidades. Esta sim, era de primeira categoria... Depois, entre lambidas e saracoteios, se retirou agradecido, mansinho, mansinho. A Anta, embevecida, julgou-se bafejada pela sorte. Mas quando o Gato dobrou a curva da estrada, ele olhou para os quatro cantos do mundo, não viu ninguém e botou pra fora tudo o que tinha comido. Seguiu pra casa repugnado e ficou o resto do dia indisposto.

Passou um dia, no outro, o Gato voltou e repetiu a cena. E assim continuou fazendo, dia sim, dia não. Um dia para o namoro e outro dia para se recuperar. A coisa estava tão boa, que a Anta já estava até pensando em ficar noiva. Mas uma certa tarde, o Gato exagerou. E não se agüentando mais, fez feio diante da Anta: botou pra fora as três bananas que ele tinha comido de uma só vez. Teve falta de ar, ficou tonto e caiu no chão. Foi um vexame...

A Anta, coitada, muito aflita, agoniada, não sabia o que fazer. Seria algum feitiço? Também podia ser mau-olhado. Desde que começou o namoro com o Gato, era uma inveja que não acabava mais. A maioria das colegas nem sequer lhe dava mais um bom-dia, mortas de inveja. Esse povo é assim: nem tem, nem quer que os outros tenham. Por qualquer coisinha, tome-lhe olho-grosso... Ainda mais namorado bonito, a coisa que mais desperta inveja neste mundo de hoje...

Mas quem estava acompanhando tudo aquilo há dias, em silêncio? A Paca, sua madrinha. O tanto que tinha de gorda tinha de sabida. Eta velha experiente, aquela Paca Madrinha! Calada, reservada, observando, pensando, só

olhando... A Anta, então, muito chorosa com o estado em que o Gato se encontrava, perguntou:

– Madrinha, o que será que deu nele?

A Velha Paca, que até então não tinha se metido em nada daquele namoro, exclamou com sua voz segura e firme, como se já estivesse pronta para dar o aviso, desde o princípio do mundo:

– Ora, minha filha... Todo mundo sabe: **Gato gosta mesmo é de carne, por mais que finja gostar de banana!**



Márcio Lemos
Carvão sobre papel canson

O macaco e a cutia

O macaco tinha uma mania de olhar os defeitos dos outros para criticar. Na falta do que fazer, cismou de perseguir a cutia, botando os piores defeitos nela. Toda vez que passava pela porta da cutia, gritava apelidos jocosos. E morria de prazer, porque a cutia se danava, xingava, dizia coisas do arco-da-velha. E quanto mais a cutia se danava, mais o macaco ficava feliz.

Um dia, o macaco soube que a cutia era cotó, isto é, não tinha rabo. Aliás, ela nasceu com um rabo muito bonito e comprido, mas um dia, esquecida disso, sentou-se à beira da estrada, ficou distraída, olhando pro mato. Aí veio uma carroça e decepou o rabo, ficando apenas o toco. O maca-

co ficou tão contente, quando soube disso, e resolveu pirraçar a cutia mais ainda. E sabe o que ele fez? Sentou-se na beira da estrada, a vida toda olhando para toca da cutia. E passou a manhã inteira, de instante a instante, berrando:

– Camarada cutia, quem tem rabo sai do caminho!

A cutia, coitada, morta de raiva, nem saiu da toca para beber água, envergonhada de tanta humilhação. Perto do meio-dia, o macaco já nem se agüentava de tanto prazer, aos gritos, que nem viu uma carroça que se aproximava. Mas todos ouviram seu grito de horror e viram um enorme rabo decepado, se bulindo na estrada.

Todos os bichos da redondeza vieram para saber do que se tratava. E foi juntando bicho... Uns com pena, outros zombando, outros espantados. O comentário era geral, cada um dizendo o que achava. A cutia, então, tomou coragem e veio também espiar. Foi chegando devagar, meio desconfiada. Estava com os olhos vermelhos de tanto chorar por causa das pirraças do macaco. Foi passando pelos outros bichos, até que chegou na estrada.

E diante do que viu, também gritou:

– Ora, onde já se viu? **Macaco não olha pro rabo!**



Valdemir dos Reis Santos e Aílton Lima de Jesus
Cenário montado a partir de objetos produzidos com argila

O preço da ingenuidade

Um dia, o cágado tinha saído para passear. Sorrateiro, lá se ia ele, vagaroso, pois tinha todo o tempo do mundo para gastar naquele passeio. De repente, ao atravessar uma estrada em busca de comer qualquer coisa, ele descobriu uma trilha de formigas. Como estava mesmo sem fazer nada, resolveu fazer uma perversidade com elas. Passou por cima da trilha e esmagou um bocado de formigas que estavam carregando comida.

Confiante na sua superioridade, seguiu em frente, conversando sozinho:

– Afinal, quem vai se incomodar com algumas centenas de formigas esmagadas?

E lá se foi ele. Apressou o passo para sair daquele lugar, mas pisou em falso, caiu de barriga pra cima e ficou se esperneando, sem poder se desvirar. Caro lhe custou sair daquela posição. Depois de muito esforço, se desemborcou. Passou um tempo retomando o fôlego e seguiu adiante.

Já perfeitamente recuperado, o cágado ouviu uns gritos e quis saber do que se tratava. E quando chegou ao lugar de onde vinha o alarido, o cágado viu: era a onça segurando firme o macaco pelo rabo. O prisioneiro se esperneava, rodava, guinchava e nada da onça soltar o rabo dele.

O cágado tem lá suas qualidades, todos os bichos sabem disso. E ele quis saber do se que se tratava. Afinal, aquele escarcéu estava tirando o sossego de todo mundo. O macaco, muito aflito, resolveu contar, enquanto a onça também se sentou, aguardando. A onça tinha caído numa armadilha e ficou presa três dias, com fome, pedindo socorro. O macaco ouviu o alarido, procurou e descobriu a onça no fojo. Todo prestativo, resolveu ajudar da maneira que sabia. Providenciou um cipó, mas o cipó era curto e não chegava até o fundo da armadilha.

Mas ele não ia de desistir tão fácil assim. Logo ele, tão gabado por todo mundo, pela sua esperteza e sagacidade... Dependurou-se no cipó, estirou o rabo e mandou que a onça escalasse a parede do fojo, agarrada ao rabo dele. Assim a onça fez e conseguiu sair da armadilha. Agora ela não queria soltar o rabo dele.

O cágado, então, disse ao macaco que seu depoimento era maravilhoso. E que agora ele batesse palmas e limpasse as mãos não chão, pois era assim que se devia proceder no final de um depoimento. Assim o macaco fez. A onça assistiu a tudo, muda, na certeza de que, agora, ia ter duas refeições.

ções... Pois bem, o cágado disse para a onça que também queria ouvir o depoimento dela. A onça disse que não ia mais largar o rabo do macaco, porque ela estava com fome há três dias e macaco era uma boa caça. Mesmo, não havia razão alguma para ela soltar o rabo do macaco.

O cágado elogiou o depoimento da onça e disse que ela procedesse do mesmo modo que o cágado fez: batesse palmas e limpasse as mãos no chão. A onça fez o que o cágado mandou. Aí, o macaco aproveitou o vacilo da onça, escapuliu e sumiu na copa das árvores. A onça, irada, deu um bote certo, pulou em cima do cágado, estraçalhou sua carapaça e devorou o bicho num instante.

Pois é... **A gente não paga apenas o mal que pratica. Também paga muito caro, as besteiras que comete.**



Valdemir dos Reis Santos e Ailton Lima de Jesus
Cenário montado a partir de objetos produzidos com argila

O sapo invisível

Contavam os mais-velhos que a girafa estava cansada da mesmice de sua cidade. Queria andar, passear, conhecer gente nova, ver as novidades do mundo. Andava se queixando todo dia, e a mãe dela sempre dizendo:

– É, minha filha, boa romaria faz quem em sua casa vive em paz. Também o povo diz: Pé que não anda não dá topada. Já outros afirmam: Pedra mudada não cria limo. Você mesma é quem deve descobrir qual é o melhor para você...

A girafa ficava ainda mais desapontada com as palavras da mãe. Terminou saindo uma tarde, para conversar com as amigas. Talvez, assim, se animasse um pouco mais. E a conversa foi boa. Ficou até sabendo que existia um bicho chamado sapo. Uma amiga sua tinha visto um, em terras distan-

tes e ficou encantada. A amiga falou tanto sobre o sapo, que a girafa ficou morrendo de vontade de conhecer um.

Quando voltou para casa, já estava decidida: tinha de fazer uma consulta para se certificar das coisas. Pois bem. Na consulta, disseram a ela que fosse ver o sapo de perto. Afinal, agonia a gente mata de duas maneiras: ou deixa o motivo pra lá, ou faz dele a razão maior da existência. Criatura, só vendo como a girafa saiu da consulta feliz da vida. Já em casa, a mãe ouviu os comentários em silêncio, principalmente porque a girafa já tinha se decidido viajar. Tinha de conhecer outras terras. Tinha de ver um sapo. Era demais: viver naquele lugar que nem sapo existia...

Na manhã seguinte, mal raiou o dia, a girafa pegou a sacola, se despediu da mãe e saiu pelo mundo. Andou muito, viu muitos lugares, conheceu muita gente, viu coisas do arco-da-velha. Sempre olhando para cima, em busca de topar com um sapo. E lá se foi ela pelo mundo. Pergunta aqui, pergunta ali, terminou sabendo pra que lados ficava a terra de sapo. Tocou para lá. Não ficou copa de árvore que a girafa não fizesse uma pesquisa, procurando sapo.

Depois de dias, nem unzinho ela tinha encontrado. Foi ficando triste, foi ficando triste, até que resolveu voltar para sua terra. O retorno foi doloroso, cheio de decepção. E ela chegou em casa, no maior desalento, pior do que antes de viajar. A mãe, coitada, vendo o estado em que a filha se encontrava, procurou animar uma conversa. Perguntou coisas, quis saber detalhes. Por fim, o assunto do sapo:

– E como foi isso? Você procurou bem procurado? Perguntou às pessoas?

– Procurei, mãe... Perguntei... E nada... Olhe, mãe, não ficou copa de árvore que eu não revirasse... Sapo deve ser

um bicho invisível...

– Bicho invisível?! Copa de árvore?! Mas como, se o sapo só vive de cócoras, é bicho do chão e mora na lagoa? Filha, tem coisas que só são vistas, quando olhadas de perto e com muita atenção. Por isso, minha filha, aprenda: **Em terra de sapo, de cócoras com ele...**



ITAN é uma palavra nagô.

Significa história, qualquer história.

Esse tipo de história é uma herança da sabedoria dos escravos nagôs que viveram no Brasil, principalmente na Bahia.

Faz parte da cultura oral de muitos brasileiros, por isso, é transmitido de boca a ouvido, de geração em geração.

Serve para qualquer idade, mas é preciso contar o *itan* no momento certo e para quem esteja disposto a aprender.

Um *itan* pode ser uma história séria, ou engraçada.

Pode aparecer gente, bicho, planta e até seres encantados, mas é sempre uma maneira suave de ensinar e aprender.

Termina sempre com uma lição de vida, um ensinamento.

É justamente por isso que o *itan* diverte, distrai, mas também mostra que existem outras maneiras de ensinar e de aprender.

